

## **A educação financeira como estratégia de análise do perfil do jovem consumista**

**ALISSON HENRIQUE DA CRUZ**

Instituto Ensinar Brasil - REDE DOCTUM  
rubiafraga\_jm@yahoo.com.br

**RÚBIA MAGALHÃES FRAGA**

Instituto Ensinar Brasil - Rede Doctum  
rubiafraga\_jm@yahoo.com.br

**BRENO EUSTÁQUIO DA SILVA**

Instituto Ensinar Brasil - Rede Doctum  
brenomonlevade@gmail.com

**ANA PAULA COTA MOREIRA**

Instituto Ensinar Brasil - Rede Doctum  
rubiafraga\_jm@yahoo.com.br



## A educa3o financeira como estrat3gia de an3lise do perfil do jovem consumista

### Resumo

A incorpora3o de instrumentos como cart3o de cr3dito, cheque especial, cheque pr3-datados, e outros, tem se tornado uma constante em uma sociedade capitalista que tem como valor principal, o consumo. A forma como os jovens lidam com estas vari3veis impacta diretamente na maneira com que os mesmos s3o vistos pela fam3lia, sociedade e mercado de trabalho. Estudos recentes constatao que na maioria das vezes o problema n3o est3 relacionado com falta ou renda insuficiente, mas com seu gerenciamento, o que levanta a hip3tese de uma defici3ncia na forma3o acad3mica e escolar destes jovens. Neste contexto essa pesquisa buscou identificar as reais causas de endividamento de jovens at3 30 anos, verificando o seu grau de endividamento. O artigo valeu-se de uma pesquisa com 290 estudantes universit3rios de Jo3o Monlevade-MG. Os resultados da pesquisa demonstram que 23% dos entrevistados consideram a compra como um sinal de status e 27% assumem que comprar 3 uma forma de se sentir melhor, mesmo que posteriormente possam enfrentar dificuldades financeiras.

**Palavras-chave:** Jovens; Grau de Endividamento; Educa3o Financeira

### Abstract

The incorporation of instruments such as credit card, overdraft, pre-dated check, and others, has become a constant in a capitalist society whose main value, consumption. How young people deal with these variables directly impacts on how they are viewed by family, society, and the labor market. Recent studies show that most of the time the problem is not related to lack or insufficient income, but to its management, which raises the hypothesis of a deficiency in the academic and scholastic formation of these young people. In this context, this research sought to identify the real causes of indebtedness of young people up to 30 years, verifying their degree of indebtedness. The article was based on a research with 290 university students from Jo3o Monlevade-MG. The survey results show that 23% of respondents consider buying as a status signal and 27% assume that shopping is a way to feel better, even if they may later experience financial difficulties.

**Keywords:** Young; Degree of Indebtedness; Financial education



## 1 Introducao

Notadamente, o estilo de vida no modo capitalista induz o individuo a uma busca incessante por “ter”, criando valores distorcidos principalmente na sociedade jovem. Em geral estes jovens sao alicerçados pelo consumismo, o que por vezes pode levar ao endividamento.

O contexto economico desfavoravel, o crediario, o parcelamento de financiamentos, o “fiado”, usados pelo marketing empresarial como meio facilitador, mascaram a verdadeira face do descontrole financeiro que assola uma grande parcela da populacao, sobretudo a mais jovem.

A ausencia de uma educacao financeira consistente e acessivel, a tempo certo, relega a maior parte da populacao a ilusao de poder de consumo que nao corresponde as suas realidades financeiras. A premissa de que para pertencer a determinado grupo social, para ser querido e admirado, e necessario corresponder a determinadas expectativas de consumo, expoe a face mais cruel do capitalismo. E a valorizacao da tese de que o ser humano e aquilo que ele tem, no entanto, a realidade financeira expoe uma face ainda mais cruel de que na verdade ele nao e o que ele possui e sim o que ele deve.

Neste contexto surge a pergunta orientadora como *Qual o nexso causal entre endividamento de jovens e adultos e falta de educacao financeira institucionalizada?* e para tal define-se como objetivos especificos buscar a compreensao sobre o tema atraves da revisao bibliografica, pesquisar os jovens alunos da Faculdade Doctum de Joao Monlevade e verificar a viabilidade de implantacao de um projeto de educacao financeira para a comunidade ao entorno da referida faculdade.

Desta forma, a pesquisa aborda temas que envolvem a propensao ao endividamento pelo jovem. Questiona seu papel mediante o contexto economico que atravessa o pais, bem como tratar a importancia da insercao da educacao financeira institucional e social como ferramenta de transformacao, fomentando uma mudanca de paradigma capaz de influenciar o comportamento e a forma com que o cidadao, sobretudo os jovens lidam com sua vida financeira.

A pesquisa foi realizada com jovens estudantes de sete cursos de graduacao na cidade de Joao Monlevade em Minas Gerais. A pesquisa constata que apesar de possuirem dificuldades em lidar com as questoes financeiras/endividamento os jovens tem dificuldade de assumir esse fato. Para tal a pesquisa valeu-se de um grupo focal para esclarecer essa questao, onde se observou que os jovens assumem que mais de noventa por cento de seus amigos estao endividados de alguma forma, o que demonstra que apesar de nao assumir, o jovem possui um deficit entre aprendizagem em educacao financeira e suas efetivas acoes no dia a dia.

A relevancia da pesquisa realizada justifica-se pela grande necessidade de entender o que leva jovens de ate 30 anos a se tornarem adultos endividados. Pressupoe-se inicialmente que o fator preponderante que leva os jovens a se tornarem um adulto endividado, ou seja, a gastarem mais do que ganham, nao seja somente uma renda insuficiente, o que por vezes e um argumento que surge naturalmente quando se aborda o tema endividamento.

## 2 Referencial Teorico

### 2.1 Contexto Economico Brasileiro

A decada de 1980 foi um periodo historico marcado pela transicao de um regime politico militar para a reconquista da democracia. Junto com a abertura politica, a campanha das “diretas ja” e a conseqente eleicao de um presidente civil, foram escancarados diversos problemas estruturais tanto politicos quanto economicos enfrentados pelo pais. Foi um periodo de adaptacao que trouxe consigo a inflacao galopante e o desemprego,



consequentemente, a diminuição do poder de consumo da população brasileira. O país chegou a ser taxado como a democracia de maior inflação da época. Foi o período dos pacotes econômicos estanques, de resultados rápidos, mas pouco duradouros, dentre os quais destacam-se o Plano Cruzado em 1986, o Plano Collor em 1990 e o Plano Real em 1994 (NERI, 2006).

Guedes Filho e Rossi (2007) reforçam que, devido a inflação cada vez mais elevada, as contas bancárias passaram a ser corrigidas diária e automaticamente, o que “garantia” proteção eficaz contra a desvalorização a indivíduos de alta renda. Ao contrário, desfavorecia os de renda mais baixa, uma vez que não possuíam conta bancária ou mesmo não conseguiam usufruir dos mecanismos de correção de depósitos e viam seus salários corroídos ao longo do mês, tendo como única alternativa gastá-lo o mais rápido possível já que perderia valor neste período.

Utilizando a premissa básica de Adam Smith, a lei da Procura x Oferta, ou tecnicamente lei da Demanda x Oferta, tem-se de forma simplista de que quando aumenta-se o consumo, ou procura, ou demanda como queira, aqueles que ofertam os produtos, bens ou serviços tendem a aumentar seus preços haja visto que mais pessoas disputam esses fatores.

Há também outros aspectos de ordem subjetiva como especulação, vontade de ampliar seus lucros entre outros que podem também impactar no aumento da inflação, vide quando tabelaram os preços e os ofertantes passaram a esconder os produtos como forma de diminuir a oferta e consequentemente aumentar os preços. Este fenômeno ficou evidente principalmente no auge do plano Cruzado, onde, com os preços tabelados, houve desabastecimento proposital de produtos com vistas a forçar aumento de preços.

O jornal O Estado de S. Paulo, em sua edição de 29 de dezembro de 1989, informou que a inflação acumulada na década 1980 chegou a 39.046.151%. A inflação do ano de 1989 atingiu 1.764,86%, recorde absoluto na história do país. Tais índices traziam dúvidas se o novo governo de Fernando Collor de Melo tomaria medidas mais eficazes para combater esse mal.

Em 1992, o mesmo jornal publicou uma reportagem na qual mostrava um desdobramento curioso da situação, dizendo que “pelo menos cinco cidades da região de Ribeirão Preto – Franca, São Carlos, Jaboticabal, Araraquara, além da própria Ribeirão, já pesquisam há algum tempo o Índice do Custo de Vida (ICV)”. Isso se deu pela constatação de que os índices gerais não captavam as peculiaridades de cada município, principalmente quanto aos reajustes salariais da época. Evidenciando o ponto crítico em que a inflação se encontrava.

Com o impeachment de Collor, em outubro de 1992, fica a cargo de Itamar Franco tentar resolver os problemas econômicos. Fernando Henrique Cardoso assumiu o Ministério da Fazenda e em dezembro de 1992 lançou o Plano de Estabilização Econômica objetivando preparar a economia para uma nova moeda, o real.

Já na atualidade, considerando o atual cenário, são inegáveis os avanços e a calma econômica que o Plano Real proporcionou, haja vista a situação caótica que a inflação gerava ao longo das décadas de 1980 e 1990, de instabilidade transformada em um ambiente economicamente estável tal qual vivenciou-se até meados do ano de 2015.

Mesmo com as atuais projeções do Banco Central do Brasil (2015) prevendo inflação acima de 7,5%, nada se compara a inflação galopante dos anos 1980 (que chegou a passar dos 1.000% anuais). Apesar do cenário recessivo e a crise política que se instalou por conta dos escândalos de corrupção que assolam o país, a taxa básica de juros – que é o principal instrumento de controle do Banco Central para tentar conter pressões inflacionárias – tem estimativas de ficar em 14,5%.

Já quanto ao dólar, ainda segundo o Banco Central, para o término de 2016, a previsão dos analistas é que a taxa de câmbio permaneça em R\$ 3,40. A estimativa de retração do PIB



– que é a soma de todos os bens e serviços feitos em território brasileiro e serve para medir o comportamento da economia – caiu de 1,1% para 3,5%, o que caracteriza uma recessão técnica na economia brasileira, que se caracteriza por dois trimestres seguidos de recuo do nível da atividade econômica, maior retrocesso desde 1990.

Depois de anos de custo de vida relativamente estável, expansão econômica e consumo fácil, o Brasil enfrenta atualmente recessão em sua economia, queda no PIB, alta do dólar e inflação acima do tolerável. Inevitável não comparar a situação atual com as crises de 1980 e 1990, anteriores à implantação do Plano Real.

Em setembro de 2015, o jornal de Brasília, *Correio Braziliense*, ilustrou bem como a crise impacta na vida dos cidadãos narrando a situação de um entregador de gás que alerta a consumidora: “sorte da senhora fazer o pedido hoje, enquanto custa R\$ 50,00, amanhã, estará R\$ 61,00”. O aumento sobre o gás de cozinha foi de 15%.

Entre essa e outras situações, a crise impacta principalmente os jovens de até 30 anos, que vivem sua primeira grande crise econômica e política na pele, antes vista somente nos livros de história do Brasil e em relatos dos pais. O desemprego é o grande vilão nessa história – segundo dados do IBGE em 2015 – sendo maior entre os jovens de 18 e 24 anos. A taxa de desocupação subiu de 12,3% para 16,4% se comparado com 2014.

## 2 Propensão ao Endividamento

A importância de abordar o tema se deve aos altos índices de endividamento e inadimplência divulgados tanto na mídia quanto por agências como SPC e Serasa. Pendências no cartão de crédito, contas de água e luz vencidos. Empréstimo, financiamento e seguro atrasados. Hoje, o endividamento alcança 46,3% da renda das famílias brasileiras – o maior em dez anos –, é o que aponta dados do mês de abril de 2015 do Banco Central divulgados pelo site G1. A compra da casa própria vem puxando esse endividamento e representa 18,6% desse total. Devido à alta dos juros, todo o tipo de crédito para as famílias ficou mais caro. Crédito esse que impulsionou a economia brasileira nos últimos anos e que agora evidencia o difícil cenário econômico vivido pelo país.

Informações do SPC Brasil mostram que a inadimplência aumentou em 5,45% no mês de setembro de 2015 com relação a igual mês de 2014. A pesquisa ainda estima que até o fim do mês de setembro de 2015, um total de 57 milhões de consumidores estavam com o nome registrado em cadastro de devedores, ou seja, 38,9% da população adulta do país. Segundo o presidente da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), citado na pesquisa, “fatores econômicos como a inflação elevada, o alto custo das taxas de juros e o aumento do desemprego têm afetado a capacidade de consumo e de pagamento dos consumidores”.

Pesquisa realizada pelo SPC e pelo portal de educação financeira *Meu Bolso Feliz* em 2015 que entrevistou 662 consumidores acima dos 18 anos, de ambos os sexos e de todas as classes sociais nas 27 capitais brasileiras revelam que 73% das pessoas tem uma noção errada do que é estar endividada. Apenas 28% admitiram estar endividadas e 41% dos consumidores atrasaram ao menos uma conta em 2014. A pesquisa demonstra ainda que menos de um terço dos entrevistados admite estar endividado, o que acaba dificultando o controle do orçamento e tornando a saída do vermelho ainda mais difícil para essas pessoas.

O “Caderno de Educação Financeira – Gestão de Finanças Pessoais” (2013, p. 32), elaborado pelo Banco Central e de distribuição gratuita, ressalta a importância de reconhecer a situação:

“Ter a consciência de que se encontra em uma condição de endividamento excessivo e de que é preciso resolver essa situação é um passo fundamental para a saída do endividamento. Nesse momento, não nos conformamos com a situação incômoda das dívidas e sentimos a clara necessidade de buscar uma saída”.





A cartilha ainda dá dicas importantes para os endividados saírem das dívidas como mapear as já existentes e não fazer novas contas, renegociar, reduzir gastos, gerar renda extra e buscar ajuda. Dispõe também de um guia de consumo planejado e consciente, indispensável para os que querem sair e não retornar para o vermelho.

### 2.2.1 Inadimplência entre os jovens

Entre os jovens, o SPC Brasil aponta que aproximadamente 6,3 milhões – na faixa entre 18 e 24 anos – estão com restrições no CPF por conta de atrasos financeiros, o que representa 26% da população brasileira nesse limite de idade. Número que vem caindo com o passar do tempo. O indicador de inadimplência apurado pela empresa em dezembro de 2014 apontou diminuição de 7% no atraso de pagamento de dívidas pelos jovens, se comparado com o mesmo período de 2013. Queda reforçada em 2015 pelo indicador divulgado em outubro, que mostrou redução de 8,9%. Estes números demonstram um movimento positivo em relação ao endividamento dos jovens.

Em sentido oposto, os dados revelaram que a inadimplência tem crescido entre os idosos com idade entre 65 e 84 anos, tanto em dezembro de 2014 – com alta de 7,8% – quanto em outubro de 2015 – em que o acréscimo foi de 10,9%. Segundo a economista-chefe do SPC Brasil, Marcela Kawauti, esse contraste está condicionado a alguns fatores como o aumento da expectativa de vida dos mais idosos e a expansão da oferta de bens, serviços e crédito direcionados para esse público específico. Consequentemente a diminuição da renda real com a aposentadoria e os gastos com remédios e planos de saúde e a entrada tardia dos jovens no mercado de trabalho acaba gerando um aumento no grau de endividamento destas famílias.

### 2.2.2 Perfil atual do jovem Brasileiro

*“Vivemos em uma geração que compartilha ideias. Se eu tenho, você também pode ter”*. Com essa frase o coordenador do “Projeto 18/34 – Perfil do Jovem Brasileiro”, professor Ilton Teitelbaum, definiu o jovem atual. A pesquisa realizada pelo Núcleo de Tendências e Pesquisa do Espaço Experiência da Faculdade de Comunicação Social da PUCRS e divulgada em novembro de 2013, buscou investigar os hábitos de lazer, consumo e sonhos de 1.350 jovens, de ambos os sexos, estudantes e assalariados, residentes em 16 áreas metropolitanas pertencentes às cinco regiões do Brasil. Estando a maioria deles, 74,6%, na faixa dos 18 aos 24 anos de idade. Os resultados obtidos por meio de questionários refletem o mundo atual onde estar conectado a maior parte do tempo e ter uma vida agitada faz parte do cotidiano. Teitelbaum caracteriza essa geração como multiplataforma e acrescenta que *“os jovens têm pressa, não há mais espaço para o junte e ganhe, é fundamental chegar rapidamente ao ganhe”*.

É importante abordar também um seletivo grupo de jovens que aos poucos vem crescendo na sociedade: os chamados “nem-nem”, brasileiros entre 15 e 29 anos que nem trabalham nem estudam e já somam 9,9 milhões de pessoas. Na faixa dos 18 aos 24 anos, a proporção é ainda maior chegando a 24% da população dessa idade em 2015 – um aumento em relação ao censo de 2000, quando esse grupo representava 18,2% – segundo dados do IBGE divulgados pelo site Exame.

Dados da Pnad 2012 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), veiculados no site Uol, mostram que esse grupo chegava a 9,6 milhões em todo país, uma em cada cinco pessoas na faixa dos 15 aos 29 anos e de 23,4 a porcentagem dos jovens entre 18 a 24 anos, o que revela o crescimento relativo a 2015. Basicamente, o aumento de renda da população brasileira explica esse crescimento bem como o fato de 69% dos “nem-nem”, em 2015, serem mulheres e 57% delas terem pelo menos um filho – o alto custo das creches e pré-escolas e a



falta de vagas em instituições públicas embasaria essa explicação. Outra razão para o aumento do número de pessoas fora do mercado de trabalho é a situação atual da economia.

### 2.2.3 - Relação Consumo/Materialismo E Renda

Movidos mais por desejos do que necessidades, fruto principalmente de uma cultura capitalista que estimula o consumo excessivo da população, sobretudo o jovem, o endividamento tornou-se uma epidemia. Facilidade de acesso ao crédito, economia em franca expansão e pleno emprego, são alguns dos fatores que fizeram com que nos últimos anos o brasileiro passasse a comprometer uma parcela significativa de sua renda com prestações e dívidas a longo prazo. Segundo relatório publicado pela Associação Nacional de Executivos de Finanças, Administrações e Contabilidade (Anefac), entre o período de junho de 2003 e de 2013, houve um aumento de 766,7% na demanda de crédito entre pessoas físicas, passando de R\$82,5 bilhões para R\$715,1 bilhões.

Segundo o Caderno de Educação Financeira do Banco Central:

*“O crédito é uma fonte adicional de recursos que não são seus, mas obtidos de terceiros (bancos, financeiras, cooperativas de crédito e outros), que possibilita a antecipação do consumo para a aquisição de bens ou contratação de serviços”.*

Para Richins e Dawson (1992, p. 304) o materialismo é a situação em que,

*“[...] as posses materiais servem como um papel importante para estabelecer e manter estados afetivos positivos e também é o grau de apego ao objeto associado ao seu estado de bem-estar na vida do indivíduo. Teoricamente o materialismo, e consequentemente o consumo, deveria ser ditado pela renda alcançada. Renda é o valor recebido em troca do trabalho ou outro bem tangível ou intangível na qual se possa agregar valor”.*

Entretanto, um erro muito comum entre jovens de até 25 anos é adotar o grau potencial de endividamento como parte integrante de sua renda, ou seja, todo o crédito disponibilizado para estes jovens é somado ao salário. É importante saber diferenciar grau de endividamento e renda recebida, uma vez que, agregado ao salário, o grau de endividamento cria a ilusão de poder econômico, gerando instabilidade na vida financeira do jovem. É o famoso “olhar o tamanho da prestação e não o tamanho da dívida”.

Diante do exposto, associar baixa renda recebida por esses jovens com o endividamento é o mais natural. Porém, pesquisas realizadas por Richins e Dawson (1992) e Watson (2003) não encontram relação entre as variáveis consumo/materialismo e renda. Os indivíduos materialistas estavam alocados em todas as classes econômicas o que reforçando tal entendimento.

Belk (1999) e Belk, Ger e Askegaard (2003) inferem que muitas pessoas de baixa renda desejam consumir, mas não o fazem por limitações financeiras. Outro fator é o gênero, que também não foi confirmada tal relação pelas pesquisas de Belk (1985), Richins e Dawson (1992) e Watson (1998; 2003). O que leva ao questionamento da verdadeira causa relacionada ao endividamento, que parece estar associado a fatores emocionais, psicológicos e culturais.

### 2.2.4 - Consumo E Faixa Etária

Para Ponchio, Aranha e Todd (2006), o endividamento está relacionado ao consumo/materialismo e idade, corroborando com o entendimento de estudos anteriores que não encontraram vínculo entre consumo/materialismo e renda.

D’Urso (2015) evidencia a propensão maior ao endividamento entre os jovens com o argumento do diretor de marketing, relacionamento e RH da Sorocred, Wilson Justo “a falta de experiência e uma abundante oferta de produtos e serviços próprios a esses clientes, ávidos por curtir a vida por meio do consumo, se transforma em uma mistura explosiva”.



O alto endividamento nessa idade é preocupante, não apenas economicamente, mas também podem gerar problemas de ordem psicológica. Segundo Zerrenner (2007) o endividamento torna o cidadão em uma pessoa vulnerável a incidentes como desemprego, separação, problemas de saúde e até mesmo levar a impossibilidades psíquicas permanentes.

De acordo com o portal de consultoria financeira MoneyMind, (2015) esse comportamento está diretamente ligado a transtornos emocionais. Corroborando com esta visão, o Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo (USP) já provou que 80% das pessoas que acumulam débitos sofrem de depressão e ansiedade. Nesse mesmo viés, um estudo da Universidade de Southampton no Reino Unido, comprovou ainda que as dívidas podem estar relacionadas a problemas como uso de drogas, desordens alimentares, psicose e até mesmo suicídio.

Apesar da clara relação entre dívidas e problemas psicológicos, é difícil determinar a ordem dos fatores. Segundo o portal MoneyMind nenhuma das pesquisas tem precisão sobre o que é causa e o que é consequência: as dívidas levam a depressão ou pessoas deprimidas são mais suscetíveis a contrair dívidas?

Conforme explica o doutor em Psicologia Clínica Thomas Richardson, da Universidade de Southampton, no Reino Unido, em matéria divulgada no portal ZHnotícias citado por Martins (2015):

*“Pessoas deprimidas têm menos concentração e organização, o que pode torná-las mais suscetíveis a dificuldades financeiras. Mas pode ser, também, que aqueles com muitas dívidas se vejam sem saída sobre sua situação, potencializando o surgimento da doença”.*

Marcela Kawauti (idem site anterior), complementa que as pessoas tentam apagar problemas da vida com consumo desenfreado, como se fosse tapar um buraco, porém, tal atitude gera mais aborrecimento quando se torna dívida. Para a estudiosa, o planejamento é fundamental, e sempre que possível, deve-se optar por comprar à vista. Não se deve usar o limite do cartão de crédito como se fosse parte integrante da renda.

### **2.3 - Educação Financeira**

Educar vai muito além das disciplinas tradicionais como português, matemática e história. Conceitos básicos de planejamento financeiro também são essenciais para evitar o descontrole financeiro e situações que prejudiquem não só a qualidade de vida do indivíduo como a de seus dependentes.

Nem todos compreendem com clareza o que vem a ser educação financeira. Há quem pense que está relacionada a aprender a investir em ações, ao estudo de matemática financeira ou a economizar. Vai muito além de fazer um controle rigoroso das finanças ou mesmo manter-se afastado de dívidas.

Olivieri (2011) assim define educação financeira

*[...] é uma forma de estar aberto ao processo constante de aprendizagem, desenvolvendo a capacidade integral do ser humano, com o objetivo de tomar decisões, tornar-se responsável pelos próprios atos oriundos do dinheiro para viver bem e equilibradamente.*

Para a autora, tal educação deve começar desde os primeiros anos de vida ou quando a criança começa a demonstrar desejos próprios. Segundo dados do Banco Central do Brasil no ano de 2012, a Educação Financeira é o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão dos conceitos e produtos financeiros. Com informação, formação e orientação claras, as pessoas adquirem os valores e as competências necessários para se tornarem conscientes das oportunidades e dos riscos a elas associados e, então, façam escolhas bem embasadas, saibam onde procurar ajuda e adotem outras ações que





melhorem o seu bem-estar. Assim, a Educação Financeira é um processo que contribui, de modo consistente, para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro.

### 2.3.1 - Educação Financeira Do Jovem

Percebe-se que o endividamento pessoal está vinculado à forma como as receitas e despesas são gerenciadas e não somente com o nível de renda dos indivíduos. Desta forma, é salutar que o jovem desenvolva seu autocontrole financeiro o mais cedo possível.

Na obra “Pai Rico, Pai Pobre”, Kiyosaki e Lechter (2000) simplificam o complicado tema da educação financeira com explicações de fácil entendimento. A forma didática com que são apresentados conceitos de ativo e passivo que eles definem basicamente como um ativo “é algo que põem dinheiro no meu bolso” e um passivo “é algo que tira dinheiro do meu bolso”. Sua tese se baseia na crença de que

A principal causa das dificuldades financeiras das pessoas está no desconhecimento da diferença entre ativos e passivos. Ainda segundo os autores, esse modo de explicar termos complexos é simpático, simples e útil. Esclarecem que para ensinar às crianças a educação financeira, é importante o uso de tantos diagramas quanto possíveis, evitando palavras e principalmente sem números, criando assim uma base financeira sólida nesses jovens”. (KIYOSAKI; LECHTER 2000, p. 64-65).

Segundo Frankenberg (1999), apud Detoni e Lima (2011), dependemos de fatores fisiológicos os quais podem ser alterados ou influenciados e psicológicos, mais complexos, de onde vem a influência das emoções sobre as decisões financeiras.

De acordo com o Indicador de Educação Financeira (IndEF) 2015 elaborado pela Serasa Experian e IBOPE Inteligência (2015), 62% dos jovens de 16 a 24 anos não fazem nenhum tipo de contribuição para a aposentadoria. Somente 31% desses jovens dizem contribuir com o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e 1% com a previdência privada. Foram entrevistados 2.002 pessoas maiores de 16 anos de idade, em 140 cidades de todos os Estados brasileiros e do Distrito Federal, incluindo capitais, periferia e interior.

Júlio Leandro, superintendente de Serviços ao Consumidor da Serasa Experian explica que “em geral, a preocupação com o futuro não é uma característica marcante dos jovens. Além disso, uma parcela deles pode estar fora do mercado de trabalho formal e a falta de interesse em contribuir de maneira individual também colabora para o alto índice”. Esse comportamento ainda é reforçado pela tendência ao consumo imediatista, que concorre diretamente com o planejamento financeiro e com a falta de comprometimento para a construção de um futuro tranquilo.

### 3 Metodologia

A metodologia a ser apresentada tem enfoque em pesquisas de vários autores, sendo considerada descritiva qualitativa e quantitativa. Quanto aos fins, a pesquisa é descritiva, aquela que descreve o comportamento dos fenômenos para identificar e obter informações sobre as características de um determinado problema ou questão (COLLIS e HUSSEY, 2005).

Gil (2006) explica que pesquisas descritivas têm por objetivo levantar opiniões, atitudes ou crenças de uma população. Marconi e Lakatos (2004) afirmam que a pesquisa descritiva delinea o que é, abordando quatro aspectos: descrição, registro, análise e interpretação de fenômenos atuais, objetivando o seu funcionamento no presente.

Quanto a abordagem foi quantitativa. A abordagem quantitativa busca medir o grau em que determinado aspecto está presente. Além disto, é numérica, tratada por escalas e submetida a análises estatísticas. (ROESCH, 1999)



A pesquisa quantitativa procura medir o grau em que algo est3 presente. Nesse tipo de pesquisa s3o realizadas perguntas fechadas que especificam de antem3o todas as poss3veis respostas, gerando facilidade na interpreta3o e tabula3o.

A pesquisa teve como amostra alunos de todas as turmas dos cursos de administra3o, direito, ci3ncias cont3beis, tecnologia de recursos humanos, engenharia el3trica, engenharia civil e engenharia de produ3o. Deste universo de cursos foram pesquisados 290 alunos matriculados. A pesquisa foi realizada atrav3s de formul3rio de perguntas fechadas e aplicada em todos os per3odos.

Como instrumento de an3lise de dados utilizou-se o mapeamento abaixo apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Estrat3gia de Coleta de Dados

<b>Objetivos espec3ficos</b>	<b>Instrumento de coleta de dados</b>	<b>Fonte de dados</b>
Identificar na literatura os principais autores/pesquisadores que analisam o grau do endividamento versus a educa3o financeira;	Pesquisa Bibliogr3fica	Artigos, publica3oes e livros. Referencial Te3rico.
Verificar a rela3o entre grau de endividamento e educa3o financeira dos alunos da Faculdade Doctum unidade de Jo3o Monlevade	Questionario semi estruturado	Question3rios aplicado aos alunos da Faculdade Doctum.
Propor um projeto de educa3o financeira a ser realizado pela Faculdade Doctum para a comunidade em seu entorno	Baseados na an3lise dos dados coletados.	

Fonte: Desenvolvido pelos autores

#### 4 An3lise de Dados

A pesquisa teve como respondente um total de 290 alunos. Deste total 135 do sexo masculino e 155 do sexo feminino. Neste universo 82% dos alunos com idade entre 18 e 30 anos e 80% se declarando como solteiro e/ou separado e/ou viuvo. Quanto 3s quest3es de possuírem dependentes e se trabalham, declararam 72% sem dependente e 69% trabalham.

Ap3s o question3rio apresentar os dados acima relacionados, que possibilitaram um conhecimento pr3vio dos respondentes, foi analisado a localidade/proced3ncia destes alunos. Foi poss3vel saber que a cada 10 alunos da faculdade 3 alunos s3o de outra localidade, assim necessitam deslocar-se de outra cidade para a cidade de Jo3o Monlevade (sede da faculdade), ou seja 62% residem em Jo3o Monlevade e os demais residem em cidades vizinhas.

Os respondentes declaram suas percep3oes quanto 3 renda familiar, conforme pode ser verificado no Gr3fico 2. A renda familiar destaca que 64% dos entrevistados possuem renda de at3 R\$ 3.520,00. Agregado a este dado, foi considerando ainda o enquadramento do entrevistado quanto 3 sua classe social conforme pode ser percebido no Gr3fico 3.



Gráfico 2 – Renda Familiar

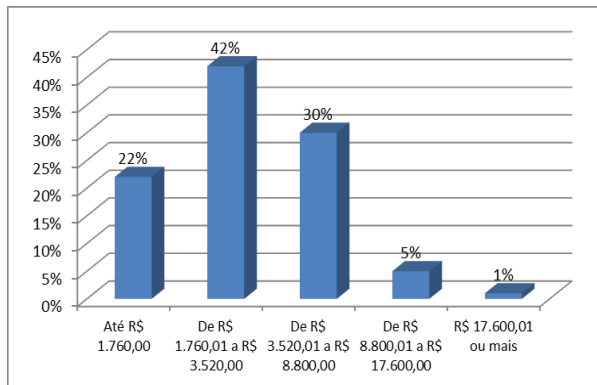
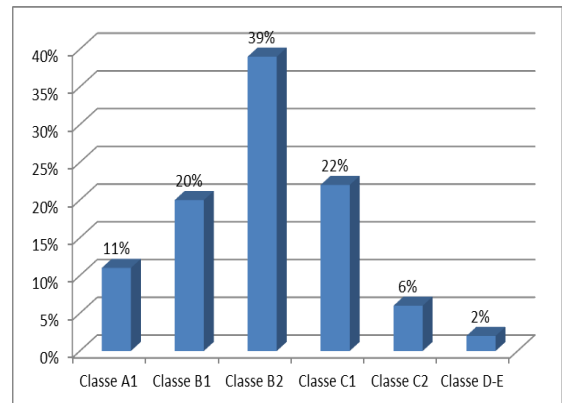


Gráfico 3 – Classe Social



Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

Para avaliar a classe econômica dos entrevistados foi utilizado o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), em vigor desde o início de 2015. Segundo a Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), esse é um instrumento de segmentação econômica que utiliza o levantamento de características domiciliares (presença e quantidade de alguns itens domiciliares de conforto e grau escolaridade do chefe de família) para diferenciar a população.

O critério atribui pontos em função de cada característica domiciliar e realiza a soma destes pontos. É feita então uma correspondência entre faixas de pontuação do critério e estratos de classificação econômica definida por A1, B1, B2, C1, C2, D-E.

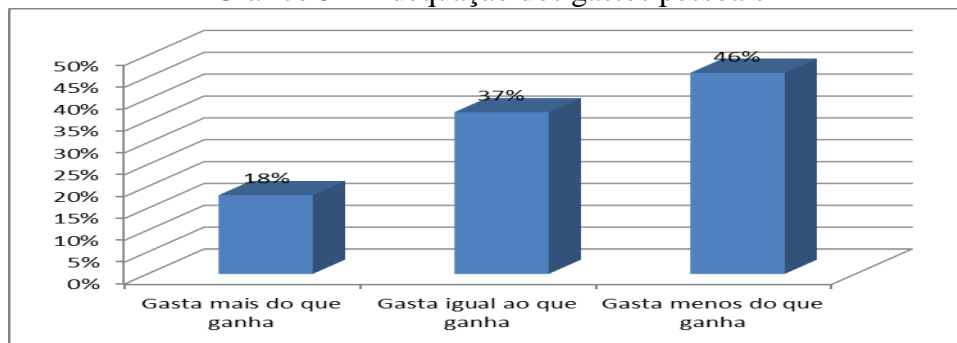
Os expressos no Gráfico 3 mostram que 39% dos estudantes pertencem, predominantemente, à classe B2. Os demais entrevistados estão repartidos entre classes A1 (11%) e B1 (20%), assim como C1 (22%), C2 (6%) e D-E (2%). Considera-se (segundo classificação da ABEP) A1 como classe mais alta e E como mais baixa. Assim é possível constatar que 69% dos pesquisados vão da escala de classe média à baixa.

Após compreendido a Classe Social dos entrevistados, investigou-se o endividamento, onde apresenta os mais diversos produtos com os quais os pesquisados consideram-se endividados. Foi possível verificar os tipos de produtos financeiros que representam as dívidas dos entrevistados. Destacam-se os 134 participantes (46%) que afirmaram não possuírem dívidas. Ademais, o cartão de crédito foi o campeão de inadimplência, com 67 pessoas (23%) afirmando estarem endividadas. Outro produto financeiro expressivo foi o financiamento escolar, geralmente representado pelo Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), com 47 estudantes (16%). A soma dos outros produtos se distribuiu entre: cartão de débito (2%), cheque (3%), carnês de lojas (6%), crediários (9%), crédito consignado (3%), financiamento de bem móvel (6%), financiamento de bem imóvel (4%) e empréstimo pessoal (4%).

Após as análises apresentadas até este ponto, o questionário aplicado aos entrevistados buscou avaliar a relação com os gastos e renda. Inicialmente constatou-se que 55% dos entrevistados gastam igual ou mais do que possuem de renda. O Gráfico 5 destaca o percentual alcançado.



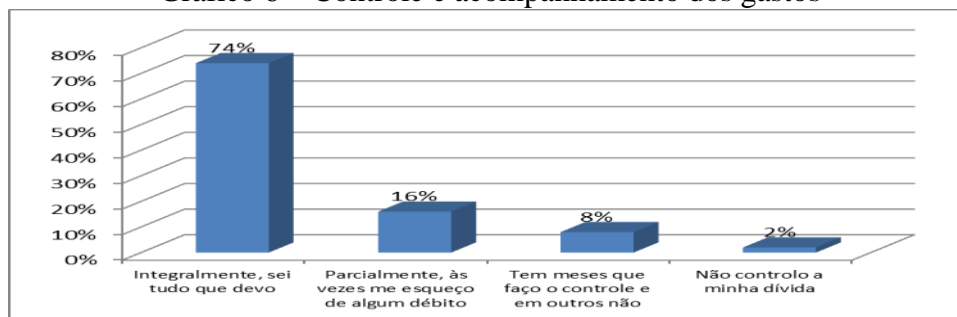
Gráfico 5 – Adequação dos gastos pessoais



Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Já o Gráfico 6 apresenta como os entrevistados se comportam quanto ao controle de seus gastos. Neste quesito 74% destaca conhecer exatamente tudo que deve e 26% demonstra não ter um controle e acompanhamento efetivo sobre os compromissos financeiros de pagamento.

Gráfico 6 – Controle e acompanhamento dos gastos

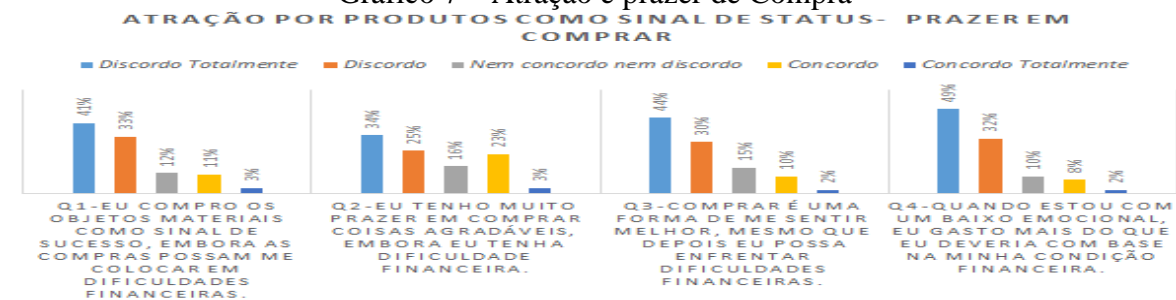


Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Dentro das perspectivas analisadas, aprofundou-se a pesquisa buscando compreender o comportamento dos entrevistados quanto ao consumo. Para análise do consumo excessivo dos entrevistados desta pesquisa foi feita uma replicação de algumas afirmações traduzidas de Wu (2006). Utilizou-se a escala psicométrica Likert para registrar o nível de concordância ou discordância com as declarações dadas, sendo disponibilizados cinco níveis que iam de “discordo totalmente” a “concordo totalmente”. Tal mensuração parte de dez variáveis distribuídas em cinco dimensões que, somadas indicam o consumo excessivo: atração por produtos como sinal de status; prazer em comprar; compra inconsequente; compra por emoção/excitação e autocontrole financeiro. Dentre a amostra anterior de 290 estudantes, disponibilizaram a responder ao comportamento quanto ao consumo, somente 275 estudantes.

O destaque quanto ao consumo, buscou compreender a Atração por Produtos como sinais de prazer, ou seja, o prazer em comprar. O Gráfico 7 apresenta a atração pela compra como meio de prazer.

Gráfico 7 – Atração e prazer de Compra



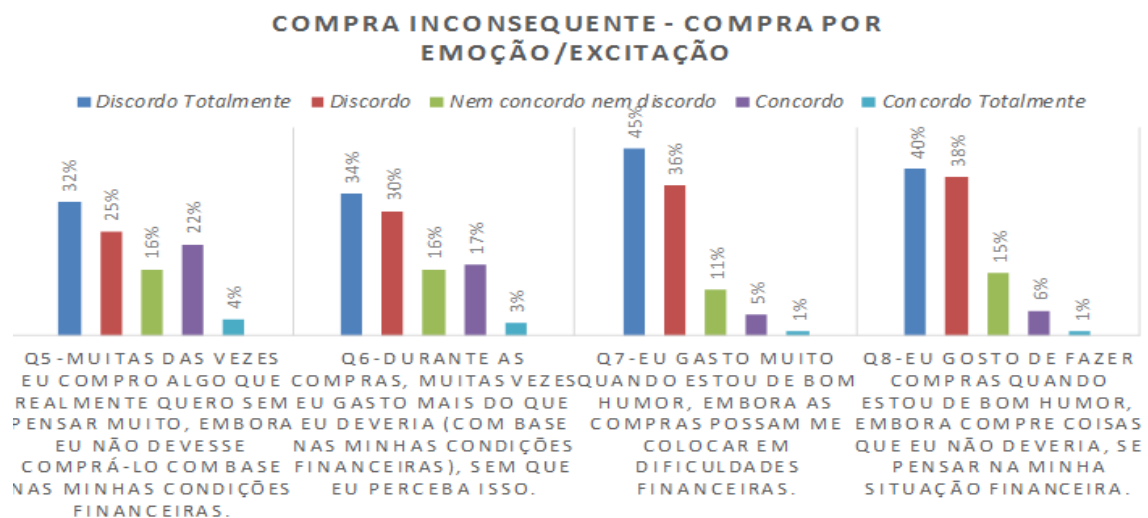
Fonte: Dados da pesquisa (2016)



Pelos gráficos apresentados, evidencia-se, na dimensão atração por produtos como sinal de status – representada pelas afirmativas Q1 e Q2 –, o alto índice de discordância para essas assertivas, 73% e 59% respectivamente, aponta para a pouca preocupação dos acadêmicos com a reputação social – ainda que 26% concordem que sentem muito prazer em comprar coisas agradáveis, apesar das dificuldades financeiras. Há também grande discordância com as assertivas Q3 (74%) e Q4 (81%), da dimensão prazer em comprar, demonstrando um controle emocional na hora das compras por parte dos estudantes.

O Gráfico 8 busca apresentar a compra de forma inconsequente, onde o entrevistado pode muitas vezes comprar algo que realmente quer, porém sem análise. Ainda se interpreta as compras associadas ao humor e ao descontrole financeiro.

Gráfico 8 – Compra e emoção



Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Com resultado diversificado, a dimensão de compra inconsequente mostra que os jovens estão divididos quando 58% responderam que muitas das vezes compra algo que realmente quer sem pensar muito, apesar das condições financeiras (Q5), contra os 42% que concordam ou não opinaram. A outra afirmativa da dimensão (Q6) indica uma discordância um pouco maior (64%), diminuindo-se a concordância e a não opinião (36%). Já na dimensão compra por emoção/excitação observa-se grande taxa de discordância com a afirmativa Q7 em 82% e Q8 em 78%, os que concordam representam pouco mais de 6% nas duas assertivas.

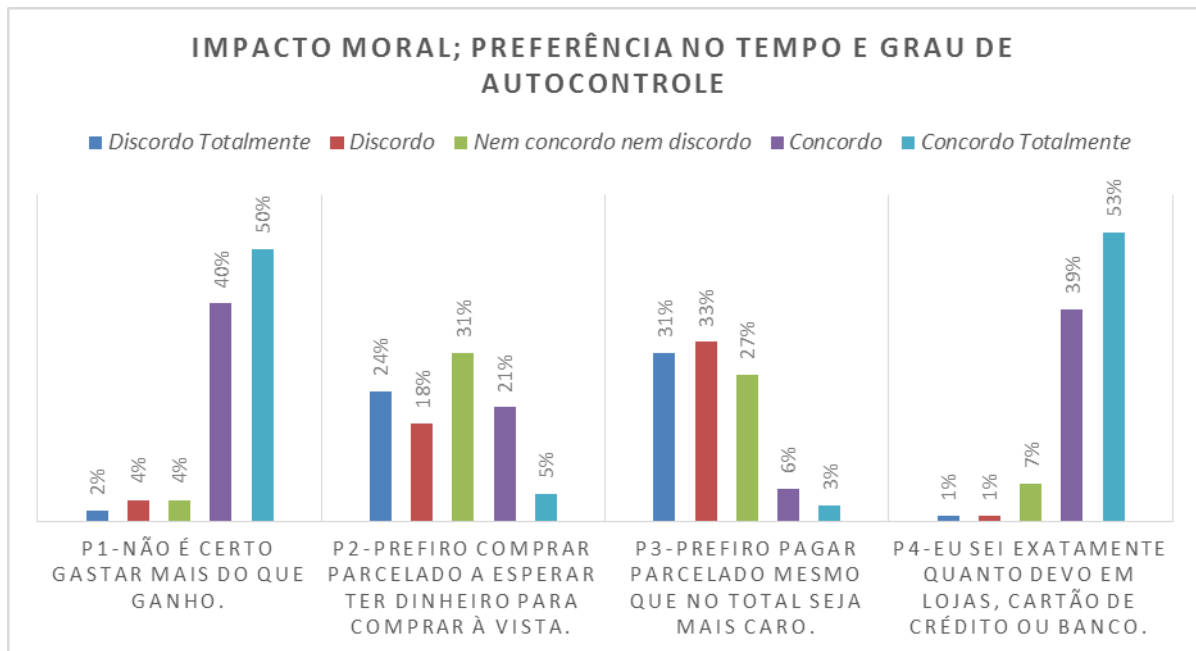
Assim, pode-se constatar que 42% dos entrevistados tendem a comprar algo que realmente querem muito sem analisar, mesmo que isso complique futuramente as condições financeiras, 36% compra mais do que deveria sem perceber e 22% utiliza a compra como meio de fuga para momentos de baixo humor. Considerou-se nessa análise os indecisos (nem concorda/nem discorda) como tendência ao fator negativo da questão, haja vista que em geral quando o entrevistado não tem a certeza da postura o mesmo tem maior precisão de negar a afirmativa.

Para a avaliação da propensão ao endividamento dos estudantes pesquisados foi utilizado o questionário desenvolvido por Moura (2005), adaptado do constructo de Lea Webley e Walker (1995). A mensuração da propensão ao endividamento da amostra em questão foi feita a partir de quatro variáveis distribuídas em três dimensões: impacto moral; preferência no tempo e grau de autocontrole.





Gráfico 9 – Propensão ao endividamento



De acordo com a gráfico 9, a alta concordância (90%) com a afirmação P1 “Não é certo gastar mais do que ganho”, da dimensão impacto moral, indica, entre os entrevistados, a consciência do julgamento que a sociedade faz dos devedores, já que apenas 6% discordam com tal enunciado.

Quanto a segunda dimensão, composta pelas variáveis P2 “Prefiro comprar parcelado a esperar ter dinheiro para comprar à vista”, e P3 “Prefiro pagar parcelado mesmo que no total seja mais caro”, que obtiveram taxa de discordância em torno de 42% e 64% respectivamente, indicam a preferência temporal dos estudantes mostrando a opção deles entre consumir hoje ou no futuro, pois estão diretamente relacionadas à paciência em adiar o consumo e juntar o dinheiro para adquirir o bem à vista. Importante salientar que os entrevistados que se abstiveram de opinar respondendo nem concordar nem discordar representa, respectivamente, 31% e 27%, as mais altas entre todas as afirmações.

A dimensão de autocontrole financeiro representado pela variável P4 “Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco”, manteve a taxa de concordância mais alta da pesquisa 91%, indicando a importância que os estudantes dão à gerência de seus recursos.

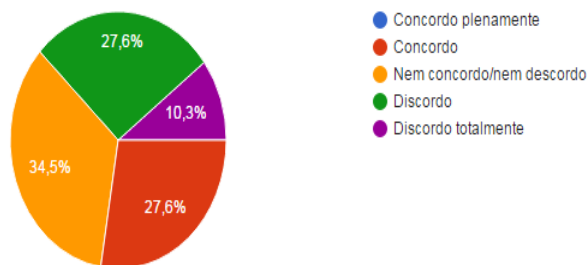
Após os dados analisados é visto que apesar dos entrevistados (mais de 50%) declararem que possuem dívidas, percebeu-se que quando interrogados sobre o comportamento quanto ao consumo nota-se uma disparidade entre em estar com dívidas e saber o valor das dívidas, associar consumo a prazer e também critérios de compras (a vista e/ou a prazo).

Assim sendo, os pesquisadores valeram-se da hipótese de ter havido extravio de informações e/ou informações inverídicas. Para retificar o resultado da pesquisa e/ou confrontar, definiu-se então um grupo focal com 20% da amostra, ou seja, 58 pesquisados. Dessa forma foram definidas questões específicas quanto ao endividamento e a escolaridade.

O Gráfico 10 apresenta a percepção dos pesquisados quanto ao conhecimento adquirido quanto às finanças pessoais, se foram ou não construídas ao longo da pré-escola e ensino médio.

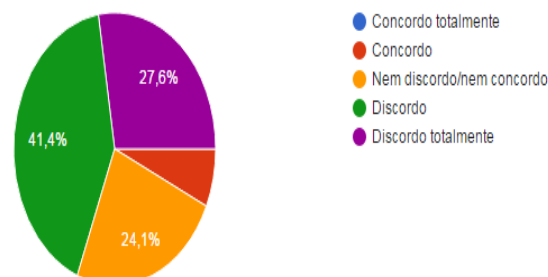


Gráfico 10 – Finanças pessoais e ensino



Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Gráfico 11 – Disciplinas cursadas como respaldo para saúde financeira pessoal



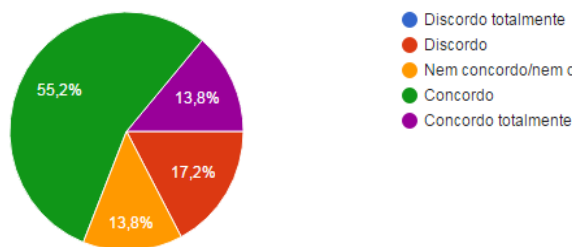
Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Pode ser observado que 37,9% (Gráf. 10) dos entrevistados assumem que o ensino recebido não auxilia no momento atual a lidar com as questões financeiras. Ainda se observa que este número é reforçado pelos entrevistados que nem concordam/nem discordam onde também demonstra a falta do ensino como base para as decisões financeira dos indivíduos.

Quando perguntados se estudaram disciplinas ao longo do ensino médio que possibilitam fazer escolhas mais corretas quanto a como “gastar” o dinheiro e ter ainda uma relação saudável entre renda e consumo o Gráfico 11 vai demonstrar que as disciplinas não auxiliam neste quesito. Pode ser observado no Gráfico 11 que 69% dos pesquisados assumem que as disciplinas cursadas no ensino médio não auxiliam na relação do jovem com o dinheiro, ou seja, não apoiam a relação saudável entre consumo e renda. Esta informação é reforçada pelos dados apresentados no Gráfico 12.

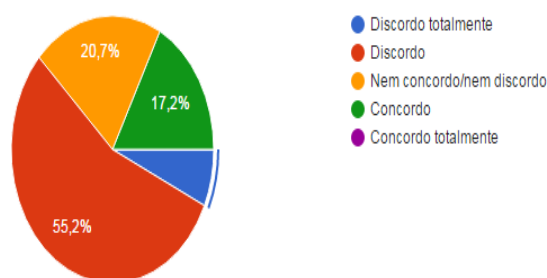
O Gráfico 12 destaca que 69% dos pesquisados reforçam que o endividamento na vida adulta tem ligação direta com a falta de conhecimento sobre finanças que deixaram de ser adquirida ao longo da vida escolar.

Gráfico 12 – Endividamento e o conhecimento sobre finanças



Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Gráfico 13 – Conhecimentos adquiridos ao longo da vida suficientes para vida adulta



Ainda ao serem questionados quanto a terem adquirido conhecimento suficiente ao longo da vida escolar que fossem suficientes para possuir experiência/conhecimento de como lidar com o dinheiro, 62,1% afirmam discordar que esse fato ocorreu, ou seja, os conhecimentos são insuficientes para a tomada de decisão na vida jovem, como pode ser observado no Gráfico 13.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS



O presente artigo dedicou-se a investigar os temas endividamento, jovem e educação financeira. Teve como objetivo principal investigar onexo causal entre endividamento de jovens e a falta (ou não) de educação financeira institucionalizada. Quanto aos objetivos específicos realizou uma revisão da literatura para conhecer as considerações de autores que já investigam endividamento versus educação financeira. Essa relação foi aprofundada através da pesquisa aplicada aos alunos da Faculdade Doctum Monlevade que totalizaram 290 pesquisados e posteriormente um grupo focal dentro dessa amostra representado por 58 pesquisados.

Dessa forma pôde ser concluído que os 69% dos jovens pesquisados variam de classe média a baixa. Neste grupo, 54% assumem possuir algum tipo de dívida e em geral as dívidas possuem origem no chamado “crédito fácil”, pois estão ligados a cartão de crédito, cheque, carnê de loja, crediário, crédito consignado e empréstimo pessoal. Quanto ao controle com os gastos 26% dos jovens revelam que não possuem um controle efetivo quanto aos valores que devem.

Após dados relativos aos valores das dívidas e o controle das mesmas, investigou-se a percepção do jovem quanto ao consumo, propensão ao endividamento. No que tange ao consumo, apurou-se a *atração por produtos como sinal de status, prazer em comprar, compra inconsequente, compra por emoção, autocontrole financeiro*. Para a variável Propensão ao Endividamento, foi averiguado o *impacto moral, preferência temporal para as compras (a vista ou a prazo) e grau de autocontrole*.

Estas variáveis destacaram que 14% dos jovens adquirem produtos como sinal de sucesso mesmo que isso os coloque em situações financeiras desfavoráveis e ainda 12% demonstram indecisão (o que pode demonstrar a possibilidade de haver mais jovens adquirindo produtos como sinal de status do que realmente assumiram este fato). Um total de 24% dos jovens assume que possuem prazer em comprar “coisas” agradáveis mesmo que tenha dificuldades financeiras com o pagamento.

Assim, quando os jovens foram questionados quanto ao nexo entre a educação formal (na escola) recebida versus a vida adulta, sabendo que estes estudos poderiam ou não apoiar as decisões de compra, investimento e parte do relacionamento do indivíduo com dinheiro, pode-se verificar que 37,9% destacam que a educação recebida foi insuficiente e este dado fica ainda mais alarmante quando 69% dos entrevistados destacam que não receberam conhecimento suficiente ao longo da vida escolar que possibilitassem fazer escolhas corretas na fase adulta. É relevante citar que os jovens demonstram certa dificuldade em assumir seu grau de endividamento, pois apenas 24,1% assumem possuir dívidas superiores a renda, no entanto 96,6% assumem que possuem amigos e/ou jovens próximos que não sabem lidar com o dinheiro, possuindo gastos desnecessários e/ou gastando mais do que “deveriam”. Assim, essa análise reforça a afirmação veiculada no portal de educação financeira Meu Bolso Feliz e SPC divulgados em 2015, quando é relatado que os jovens têm uma noção errada quanto a estar endividado.

Após o estudo analisado acredita-se que os jovens estariam com uma percepção mais adequada quanto a relação com o dinheiro caso tivessem recebido uma educação financeira ao longo da vida escolar. Desta forma se teria jovens adultos mais conscientes e com um perfil que não fosse de analfabetos financeiros.

Sabendo-se que a formação de um adulto passa pela educação formal e informal, fica notório que o pai que não recebe uma formação adequada não terá como proporcionar uma formação ao seu filho. Assim tem-se uma sociedade com o vício de má formação financeira para os adultos. Formação essa, que fica falha na educação formal (escola) e informal (família), pois os atores dessa sociedade são frutos dela própria.



Após essa percepção, fica também evidente que um dos objetivos secundários desse artigo, que era analisar a viabilidade de um projeto que proporcione educação financeira à comunidade no entorno da Faculdade Doctum de João Monlevade é extremamente viável. A viabilidade se comprova a partir do momento que a pesquisa confirmou que os jovens adultos relatam que receber uma educação financeira poderia desenvolver competências fundamentais para uma melhor relação com endividamentos e suas interfaces.

Espera-se que o presente estudo contribua para futuros estudos do tema aqui proposto e principalmente para a certeza que é necessário definir ferramentas que auxiliem na não formação de uma geração predominante analfabeta financeiramente. Para a academia espera-se que a contribuição ocorra através de proporcionar futuros estudos que considerem o constructo educação x jovem x educação financeira.

## REFERENCIAS

AEF-BRASIL. Educação financeira nas escolas. Disponível em:

<http://www.aefbrasil.org.br/index.php/programas-e-projetos/educacao-financeira-nas-escolas>.

Acessado em: 8 janeiro 2015.

AMARO, M. O próximo “nem-nem” pode ser você. Revista Você S/A. Exame.com, 2015. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/revista-voce-sa/noticias/o-proximo-nem-nem-pode-ser-voce>. Acessado em: 25 novembro 2015.

ANDRADE, H. IBGE: um quinto dos jovens no Brasil é "nem-nem", que não estuda nem trabalha. Uol.com, 2013. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/11/29/um-em-cada-cinco-jovens-de-15-a-29-anos-nao-estuda-nem-trabalha-diz-ibge.htm#comentarios>. Acessado em: 25 novembro 2015.

ANEFAC. Estudo ANEFAC - análise de dez anos do crédito no país edição 2013. Disponível em: <http://www.anefac.com.br/paginas.aspx?ID=658>. Acessado em: 06 dezembro 2015.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Caderno de Educação Financeira. Gestão de Finanças Pessoais (Conteúdo Básico). Brasília, 2013

BANCO CENTRAL DO BRASIL. O Programa de Educação Financeira do Banco Central. Brasília, 2012.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Relatório de inflação. Perspectivas para a inflação: setembro 2015. Brasília, 2015.

BELK, R. W.; GER, G; ASKEGAARD, S. The fire of desire: a multisited inquiry into Consumer Passion. Journal of Consumer Research. Chicago, v.30, n.3, p.326-351, Dec.2003.

BELK, R. W.; Leaping luxuries and transitional consumers. Marketing Issues in Transitional Economies. Norwell, MA, p.38-54, 1999.

BELK, R. W. Materialism: Trait aspects of living in the material world. Journal of Consumer Research, v. 12, n. 4, p. 265-280, 1985.

BM&FBOVESPA. TV Educação Financeira. Disponível em: <http://www.bmfbovespa.com.br/pt-br/educacional/iniciativas/tv-educacao-financeira.aspx?idioma=pt-br>. Acessado em: 19 dezembro 2015.

BRASIL. Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF. 2010.

CARVALHO, L. S. Planejamento econômico e o plano real. 2010. Disponível em: [http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id\\_dh=4225](http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=4225). Acessado em: 21 novembro 2015.





CIDADES do Interior têm cálculo próprio. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 18 maio 1992. Disponível em: [http://www.estadao.com.br/infograficos/2011/09/pdf\\_inflacao.pdf](http://www.estadao.com.br/infograficos/2011/09/pdf_inflacao.pdf). Acessado em: 08 dezembro 2015.

COSTA, C. AUGUSTO, O. Alto custo de vida afeta pessoas com menos de 30 anos. Correio Braziliense. Brasília, 08 de setembro de 2015. Disponível em: [http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/09/08/interna\\_cidadesdf,497664/alto-custo-de-vida-afeta-pessoas-com-menos-de-30-anos.shtml](http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/09/08/interna_cidadesdf,497664/alto-custo-de-vida-afeta-pessoas-com-menos-de-30-anos.shtml). Acessado em: 07 dezembro 2015.

DETONI, D. J. LIMA, M. S. Educação Financeira para Crianças e Adolescentes. VIII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia (SEGeT). 2011.

DSOP EDUCAÇÃO FINANCEIRA. Programa DSOP de Educação Financeira nas Escolas. Disponível em: <http://www.dsop.com.br/escolas/educacao-financeira-escolas>. Acessado em: 11 janeiro 2015.

D'URSO, M. L. Endividamento atinge população jovem do Brasil. Executivos Financeiros. 25 de Fevereiro de 2015. Disponível em: <http://www.executivosfinanceiros.com.br/financas/credito/item/314-endividamento-atinge-popula%C3%A7%C3%A3o-jovem-do-brasil.html>. Acessado em: 10 dezembro 2015.

FORDELONE, Y. Educação financeira chega às salas de aula em escolas da rede pública brasileira. O Estado de S. Paulo. São Paulo 09 de Março 2015. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,educacao-financeira-chega-as-salas-de-aula-em-escolas-da-rede-publica-brasileira-imp-,1646947>. Acessado em: 09 janeiro 2015.

G1 Globo.com. Outubro 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/10/governo-estima-deficit-de-r-50-bilhoes-em-2015-diz-jaques-wagner.html>. Acessado em: 15 dezembro 2015.

G1 Globo.com. Junho 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/2015/06/endividamento-das-familias-chega-463-o-maior-em-10-anos-mostra-bc.html>. Acessado em: 24 novembro 2015.

GUEDES FILHO, E. M.; ROSSI, C. Inflação nas décadas de 80 e 90 e os planos de estabilização: Parte I – o contexto econômico e as características dos planos de estabilização. São Paulo: Tendências consultoria integrada, 2007

INFLAÇÃO do ano atinge 1.764,86%. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 29 dezembro 1989. Disponível em: [http://www.estadao.com.br/infograficos/2011/09/pdf\\_inflacao.pdf](http://www.estadao.com.br/infograficos/2011/09/pdf_inflacao.pdf). Acessado em: 08 dezembro 2015.

KIYOSAKY, R. T.; LECHTER, S. L. Pai rico pai pobre: O que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro. 61.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. V.. Metodologia científica. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

MARTINS, L. Endividamento e depressão, o que vem primeiro? ZHnotícias. Abriu de 2015. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/04/endividamento-e-depressao-o-que-vem-primeiro-4739981.html>. Acessado em 23 março 2015.

MONEYMIND. Dívida ou depressão: o que vem primeiro. 2 de Novembro de 2015. Disponível em: <http://moneymind.com.br/divida-ou-depressao-o-que-vem-primeiro/>. Acessado em: 11 dezembro 2015.

NERI, M. Desigualdade, estabilidade e bem-estar social. Ensaios Econômicos. Fundação Getúlio Vargas, 2006.

OLIVIERI, M. F. A. Educação Financeira. Administradores.com. 13 de Julho de 2011. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/artigos/economia-e-financas/educacao-financeira/56641/>. Acessado em: 11 de Dezembro de 2015.

PONCHIO, M. C.; ARANHA, F.; TODD, S. Estudo exploratório do construto de materialismo no contexto de consumidores de baixa renda do município de São Paulo: XXX EnANPAD – Encontro da





ANPAD – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração. Rio de Janeiro. Anais..., 2006.

PORTAL BRASIL. Educação financeira chegará a escolas públicas até 2015. 30 de julho de 2014. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/05/educacao-financeira-chegara-a-escolas-publicas-ate-2015>. Acessado em: 8 janeiro 2015.

PORTAL BRASIL. Programa de educação financeira apresenta plataforma aberta. 30 de julho de 2014. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/05/programa-de-educacao-financeira-apresenta-plataforma-aberta>. Acessado em: 09 janeiro 2015.

PROGRAMA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS ESCOLAS. Disponível em: <http://www.edufinanceiranaescola.gov.br/o-programa>. Acessado em: 8 janeiro 2016.

PUCRS. Pesquisa revela perfil do jovem brasileiro. Novembro 2013. Disponível em: <http://www.pucrs.br/portal/?p=noticias&n=1384966040.html>. Acessado em: 25 novembro 2015.

RICHINS, M. L.; DAWSON, S. A consumer values orientation for materialism and its measurement: scale development and validation. *Journal of Consumer Research*, v. 19, n. 3, p. 303-316, 1992.

ROESCH, S. M. Azevedo. Projetos de estágio e de pesquisa em Administração: guia para estágios, trabalho de conclusão, dissertações e estudos de caso. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SERASA EXPERIAN. Brasileiro aprende sobre Finanças, mas não reflete no Comportamento. Setembro de 2015. Disponível em: <http://noticias.serasaexperian.com.br/nivel-de-conhecimento-do-brasileiro-sobre-educacao-financeira-aumenta-mas-ainda-nao-se-reflete-no-comportamento/>. Acessado em: 18 dezembro 2015.

SERASA EXPERIAN IBOPE INTELIGENCIA. Maioria dos jovens não planeja a aposentadoria. Setembro de 2014. Disponível em: <http://noticias.serasaexperian.com.br/maioria-dos-jovens-nao-planeja-a-aposentadoria/>. Acessado em: 18 dezembro 2015.

SPC Brasil. Outubro 2015. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/imprensa/indices/156-inadimplenciaresceemsetembroejaatinge57milhoesdebrasileirosdizspcbrasil>. Acessado em: 24 novembro 2015.

SPC Brasil. Março 2015. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/imprensa/pesquisas/660-73dosconsumidoresnaosabemaocertooqueestarendividadomostraspcbrasil>. Acessado em: 24 novembro 2015

SPC Brasil. Dezembro 2014. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/imprensa/indices/99-inadimplenciaresceentreosidososmasdiminuientreosmaisjovensapontaspccbrasil>. Acessado em 25 novembro 2015.

VELOSO, E. Filhos x consumo: ensinando desde cedo. Junho de 2015. Disponível em: <http://educandoseubolso.blog.br/2015/06/10/filhos-x-consumo-ensinando-desde-cedo>. Acessado em: 26 dezembro 2015.

WATSON, J. J. The relationship of materialism to spending tendencies, saving, and debt. *Journal of Economic Psychology*, v. 24, n. 6, p. 723-739, Dec. 2003.

WATSON, J. J. Materialism and Debt: A Study of Current Attitudes and Behaviors. *Advances in Consumer Research*, Duluth, Minnesota, v. 25, n. 1, p. 203-207, 1998.

ZERRENNER, S. A. Estudo sobre as razões para o endividamento das pessoas de baixa renda. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007